

EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA E A TENTATIVA DE TRADUÇÃO DA BÍBLIA NO JAPÃO NO SÉCULO XVI-XVII

Mamiko Sakamoto¹

Resumo

No que diz respeito à tradução de Bíblia, Eugene A. Nida (Nida & Taber, 1969) propôs a ideia “equivalência dinâmica”, alegando que a relação entre recetor e mensagem deve ser substancialmente o mesmo como entre o recetor original e a mensagem. No entanto, quando o tema do texto original não é reconhecido para a cultura recetora, será possível traduzi-lo, substituindo por termos já existentes sem causar qualquer confusão? Neste trabalho iremos apresentar um exemplo de tentativa de tradução da Bíblia no Japão que ocorreu durante os séculos XVI e XVII, explicando o seu processo e a conclusão a que se chegou após várias tentativas da tradução.

Palavras-chave: Tradução da Bíblia; Língua Japonesa; Equivalência Dinâmica; Missionários no Japão

1. TEORIA DE EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA

Eugene A. Nida (Nida & Taber, 1969) trouxe uma nova perspectiva ao estudo de tradução da Bíblia. Ao contrário do foco tradicional da tradução cujo centro de atenção é a forma e a estrutura gramatical da mensagem, o seu ponto de vista é focalizado na reação do recetor da mensagem traduzida, defendendo que o conteúdo traduzido deve ter o total de impacto mais próximo do da mensagem original em relação ao recetor original (Nida & Taber, 1969, p. 22). Nida define a tradução como “*reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style* (Nida & Taber, 1969, p. 12)”, dando maior importância à transmissão da mensagem do texto e, ao mesmo tempo, salientando a sua essência em três palavras-chave: “*closest*”, “*natural*” e “*equivalent*” (Liu, 2012, p. 243). Assim, Nida estabelece dois tipos de equivalência: correspondência formal e equivalência dinâmica. A primeira refere-se à tradução que respeita a simetria entre duas formas linguísticas, como por exemplo, traduzir uma expressão em japonês “朝飯前”

¹ Doutoranda em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)
Cultura & Tradução. João Pessoa, v. 3, n. 1, 2014 (377-383)

como “antes do pequeno-almoço”. Por outro lado, o outro tipo proposto por Nida é denominado como “equivalência dinâmica”, a tradução que produz o valor cultural igual ou semelhante, ou seja, utilizando o mesmo exemplo anterior, traduzir “朝飯前” como “*it’s a piece of cake*” em inglês ou “é canja” em português. Nida define esta equivalência como o seguinte: “quality of a translation in which the message of the original text has been so transported into the receptor language that the RESPONSE of the RECEPTOR is essentially like that of the original receptors” (Nida & Taber, 1969, p. 200).

De acordo com Nida (Nida & Taber, 1969, p. 12), portanto, a melhor tradução não parece uma tradução. Um texto bem traduzido deve ser naturalmente equivalente ao texto original, trazendo o mesmo efeito cognitivo e emocional ao recetor da língua de chegada. Por outras palavras, ele não deve apresentar qualquer elemento “estrangeiro”. Por outro lado, o próprio Nida assume que a reação dos recetores nunca será idêntica, uma vez que os contextos cultural e histórico são diferentes (Nida & Taber, 1969, p. 24). Nord (Nord, 2005, p. 870) chama esta diferença “*rich point*”, o ponto em que as diferentes convenções de comportamentos podem causar conflitos de comunicação. Perante estes dois aspetos, surgiram duas questões: até que ponto podemos reproduzir a mensagem através de equivalência dinâmica e como devemos lidar com “*rich point*”? Procurámos respostas na história de tradução da Bíblia no Japão, um exemplo em que podemos observar manifestamente a “lacuna cultural” no âmbito da tradução.

2. FUNDO HISTÓRICO DA TENTATIVA DE TRADUÇÃO DA BÍBLIA NO JAPÃO

A primeira tentativa de tradução da Bíblia para a língua japonesa ocorreu durante a vinda de Francisco Xavier para o Japão. Durante a sua estadia em Malaca, em dezembro de 1547, Xavier encontra um japonês chamado Anjirô (ou Yajirô em alguns documentos históricos). Anjirô era natural de Kagoshima, em Kyûshû, e tinha cometido um crime na sua terra, refugiando-se no navio português. Entretanto o japonês ganhou conhecimento do Cristianismo, o que fez com que ele lamentasse o crime que cometeu e procurasse a pessoa certa para o confessar.

Xavier encontrou-se com Anjirô e, a partir daí, surgiu uma esperança de evangelizar o país do Sol nascente. Anjirô foi estudar para o Colégio de São Paulo de Goa, onde estudou a Bíblia. Cinco meses depois, o japonês foi batizado, tornando-se o

primeiro católico japonês. Mais tarde, Anjirô acompanhou a viagem de Xavier para o Japão como um dos colaboradores principais da evangelização do país.

Anjirô deve ter sido a primeira pessoa que tentou traduzir a Bíblia para japonês. Suzuki [鈴木, 2006] infere que a tradução de Anjirô deve ter sido uma tradução invulgar, uma vez que ele substituiu os termos cristãos pelos termos budistas.

Além disso, respondendo a um pedido de Xavier, Nicolao Lanchilloto, o reitor do Colégio de São Paulo de Goa, elaborou o relatório “Informação do Japão” através de informações obtidas por Anjirô. De acordo com Kishino, o relatório contém informações sobre religiões no Japão e a maioria dos termos mencionados são de uma escolha budista chamada *Shingon*. Kishino analisa que esta fenómeno se deve ao facto de a escola budista *Shingon* estar amplamente divulgada na sociedade de Kagoshima [五野井, 1990].

Um dos exemplos é a tradução de “Deus”. Vários estudos afirmam que, no início da sua visita ao Japão, Xavier falava ao povo japonês, dizendo “Vamos rezar por *Dainichi*.” No início da evangelização no Japão, o termo budista *Dainichi* foi adoptado como a tradução dinâmica de *Deus*. *Dainichi* ou *Vairochana*, é um dos cinco budas da meditação e é o maior buda que se representa todo o universo (Wikipédia, 2013). Literalmente chamado “o grande Sol (大日)”, é considerado como o buda central do universo derivado do Sol.

No seu relatório, elaborado com a base da informação de Anjirô, Lanchilloto escreveu “os japoneses acreditam em *Dainichi* como o Deus único” [千代崎, 1997, ページ: 111]. Além do facto de Xavier ter vindo da Índia, onde o Budismo nasceu, como Xavier mencionava ao povo japonês o nome de *Dainichi*, no início, até os monges budistas ganharam sentimento de intimidade com esta nova religião, pensando que era nova escola budista. Por essa razão, o início da evangelização correu muito bem.

Suzuki [鈴木, 2006] considera que, ao contrário do facto de ter sido sempre prudente para substituição de termos de uma outra religião específica, Xavier acabou por os adoptar após a leitura do relatório de Lanchilloto por pensar que o conceito de *Dainichi* era bastante parecido com o de Deus no Cristianismo.

No entanto, o próprio Xavier repara entretanto no seu erro de tradução. Xavier e o irmão Fernandes falavam com o povo duas vezes por dia, discutindo os fenómenos naturais e explicando o Deus criador, o pecado e a salvação. Xavier e os monges budistas debateram vários assuntos como a criação, o diabo e o inferno. Através da

longa discussão com monges budistas de várias escolas, Xavier começou a compreender a diferença entre *Dainichi* e Deus [フィステル, 1984, ページ: 81]. Além disso, Suzuki [鈴木, 2006] revela que Xavier também tinha sido informado do facto de o termo *Dainichi* poder referir o pronome da parte sexual. Por essas razões, Xavier começou a dizer ao povo, “Não se deve rezar por *Dainichi*”.

Este erro de tradução deve-se à falta de conhecimento de Anjirô sobre o Cristianismo e à falta de conhecimento de Xavier da língua japonesa e do seu fundo sócio-cultural. Schurhammer aponta o fraco domínio de Xavier da língua japonesa, referindo o facto de ele ter estado apenas ao lado enquanto o seu colega, Jaun Fernandez, falava na realidade com o povo japonês [鈴木, 2006].

Assim, Xavier deixou de utilizar o termo *Dainichi*, substituindo-o pelo termo latino “Deus”. Nessa altura os monges budistas compreenderam pela primeira vez a diferença fundamental entre o Budismo e o Cristianismo. Com o sucesso do trabalho missionário, o Cristianismo vinha a ganhar cada vez mais seguidores, promovendo conversão do povo japonês para o Cristianismo. Ofendidos, os templos budistas começaram a atacar o Cristianismo e foram praticados assédios e perseguições. Uma delas foi divulgar a ideia que o “Deus” Cristão seria igual a “Daiuso” (significa “grande mentira” em japonês) [五野井, 1990] por a pronúncia das duas palavras ser parecida. Os missionários encararam assim o dilema da tradução.

3. TERMINOLOGIA RELIGIOSA NO JAPÃO DO SÉCULO XVI-XVII

De acordo com Suzuki [鈴木, 2006], em relação à terminologia de Igreja/religião, existem duas maneiras: uma é adotar o termo existente de uma outra religião e outra é manter o termo original. Além destas duas formas, no que diz respeito ao japonês, existe uma outra opção: criar um novo termo combinando os caracteres *Kanji*. Schurhammer indica o exemplo de “Tenshu”, o termo utilizado por Matteo Ricci no seu livro publicado na China² (Wikipédia, 2014).

Schurhammer também menciona o nome de Balthasar Gago, um missionário da Companhia de Jesus que alertou para os problemas que poderiam surgir na sequência da substituição de termos cristãos pelos budistas [鈴木, 2006]. Entendendo o perigo da má interpretação causada pela utilização de termos budistas, Gago fez uma “revolução de termos” em mais de cinquenta palavras, dizendo que é preciso novas palavras para os

² *Verdadeira Noção de Deus*, Nanchang, 1593-1596, publicado em Pequim (1603)

novos conceitos. Atendendo a esse relatório de Gago, Melchior B. Nunes, superior da província que visitou o Japão, sublinhou a necessidade de utilizar os termos originais para evitar potenciais maus entendimentos, como por exemplo, em vez de substituir “Deus” por “Buda (*Fotoque*)” ou “espírito” por “alma (*tamaxe*)”, utilizar “Dios”, “anima” ou “spiritu”.

A partir do momento em que os missionários se tornaram conscientes do risco da utilização dos termos budistas, deixou-se de substituir facilmente os conceitos essenciais cristãos por japoneses, nomeadamente pelos conceitos budistas, e começou-se a utilizar os termos originais em português ou latim. Seguem-se alguns exemplos.

Anima	アニマ	(<i>anima</i>)
Anjo	アンジョ	(<i>anjo</i>)
Batismo	バウチズモ	(<i>bauchizumo</i>)
Beato	ベアト	(<i>beato</i>)
Cruz	クルス	(<i>kurusu</i>)
Deus	デウス	(<i>deusu</i>)
Gloria	ゴラウリヤ	(<i>gorauria</i>)
Graça	ガラサ	(<i>garasa</i>)
Igreja	イゲレイジャ	(<i>igereijiya</i>)
Inferno	インヘルノ	(<i>inheruno</i>)
Justiça	ジュスチイサ	(<i>jusuchiisa</i>)
Pão	パン	(<i>pan</i>)
Paraíso	パライズ	(<i>paraizo</i>)
Penitência	ペニテンシヤ	(<i>penitenshiya</i>)
Proximo	ポロシモ	(<i>poroshimo</i>)
Satanas	サタナス	(<i>satanasu</i>)
Spirito	スピリト	(<i>supirito</i>)
Tentação	テンタサン	(<i>tentasan</i>)
Testamento	テストメント	(<i>tesutamento</i>)

[鈴木, 2006]

Apesar de já terem existido expressões japonesas correspondentes a alguns termos como “inferno (地獄)” ou “justiça (義)”, estas foram possivelmente consideradas inadequadas para os conceitos cristãos, por serem de conceitos budista e confucionista,

respectivamente. Por outro lado, os termos que não dão lugar a equívocos foram substituídos por objetos familiares como, por exemplo, traduzir “figo” por “dióspiro”, “satanas” por “*tengu* (um duende de nariz comprido)” e “pão” por “*mochi* (o bolo de massa de arroz)” [海老沢, 1981]. Assim, a tradução da Bíblia no Japão mantém como estratégia o princípio da utilização dos termos adaptados à língua original, até entrar no período da perseguição cristã e da proibição do Cristianismo.

4. CONCLUSÃO

Como temos vindo a mostrar, a experiência da tradução da Bíblia no Japão foi um dos exemplos que apresentam a dificuldade de introduzir, através da tradução, conceitos que não fazem parte da cultura recetora. A teoria de equivalência dinâmica de Nida só é possível aplicar quando existe um conceito base igual ou semelhante no fundo sociocultural subjacente em ambos lados. Falando de um caso extremo, utilizando de novo o exemplo mencionado no início do presente trabalho, a expressão japonesa “朝飯前” não terá qualquer tipo de equivalência se a cultura recetora não tiver um conceito próprio de “uma coisa muito fácil”. Os exemplos dos termos ecelesiásticos acima apresentados são bons exemplos de que a equivalência dinâmica não é possível quando não existe um conceito semelhante na cultura recetora ou o conceito já existente for essencialmente distinto.

Neste caso, não é desejável substituir o elemento com características culturais por um outro elemento na cultura de chegada mas sim, manter propositadamente essa distância cultural para que os recetores reconheçam a diferença e entendam o novo conceito. Nord (Nord, 2005, p. 870) sublinha que um tradutor deve estar ciente desta diferença cultural (a autora designa-a “*rich point*”) entre grupos no que respeita à barreira linguística e cultural, mesmo que decida manter a barreira para ajudar as pessoas de ambos lados a compreender a “outridade”. Liu (Liu, 2012, p. 246) afirma também que a certa “estranheza” na tradução é aceitável especialmente quando novos termos são introduzidos pela primeira vez no início de uma comunicação cultural.

A questão que se levanta aqui é a função da tradução. Na nossa opinião, nesta primeira fase da evangelização no Japão, a tradução da Bíblia para a língua japonesa teve como objetivo prioritário introduzir o conceito do Cristianismo e transmitir a ideia da Bíblia em geral. Considerando que o ato de traduzir à força alguns termos cristãos para o japonês trazia consequências prejudiciais para o objetivo principal, os

missionários optaram por manter a lacuna cultural, fazendo com que estes novos conceitos se enraizassem na sociedade japonesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albin, V. (10 de 2008). *God's Translators: A Conversation with Ilan Stavans*. (T. J. 2008, Ed.) Obtido em 10 de 4 de 2014, de Religious Translation: <http://translationjournal.net/journal/46religion.htm>
- Chatzitheodorou, I. (2001, 10). *Problems of Bible Translation*. (T. J. 2001, Ed.) Retrieved 4 10, 2014, from Bible Translation: <http://accurapid.com/journal/18bible.htm>
- Kerr, G. J. (2011). Dynamic Equivalence and Its Daughters: Placing Bible Translation Theories in Their Historical Context. *Journal of Translation, Volume 7*(Number 1), 1-19.
- Liu, D. (2012). Dynamic Equivalence and Formal Correspondence in Translation between Chinese and English. *International Journal of Humanities and Social Science, Vol. 2*(No. 12 [Special Issue - June 2012]), 242-247.
- Naudé, J. A. (2005). On the Threshold of the Next Generation of Bible Translations: Issues and Trends. *Meta: Translator's Journal, 50*(4).
- Nida, E. A., & Taber, C. R. (1969). *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: E. J. Brill.
- Nord, C. (2005). Making Otherness Accessible Funtionality and Skopos in the Translation of New Testament. *Meta: Translators' Journal, 50*(3), 868-880.
- Pym, A. (2010). *Exploring Translation Theories*. Oxon: Routledge.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility*. London: Routledge.
- Wikipédia. (07 de 06 de 2013). *Wikipédia*. Obtido em 08 de 01 de 2014, de Vairochana: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vairochana>
- フィステルパウロ. (1984). 聖フランシスコ・ザビエルの歩いた道 (第 2 版). 東京: 中央出版社.
- 海老沢有道. (1981). 日本の聖書 - 聖書和訳の歴史. 東京: 日本基督教団出版局.
- 五野井隆史. (1990). 日本キリスト教史. 東京: 吉川弘文館.
- 千代崎秀雄. (1997). 日本語になったキリスト教のことば (第 3 版). 東京: 講談社.
- 鈴木範久. (2006). 聖書の日本語. 東京: 岩波書店.